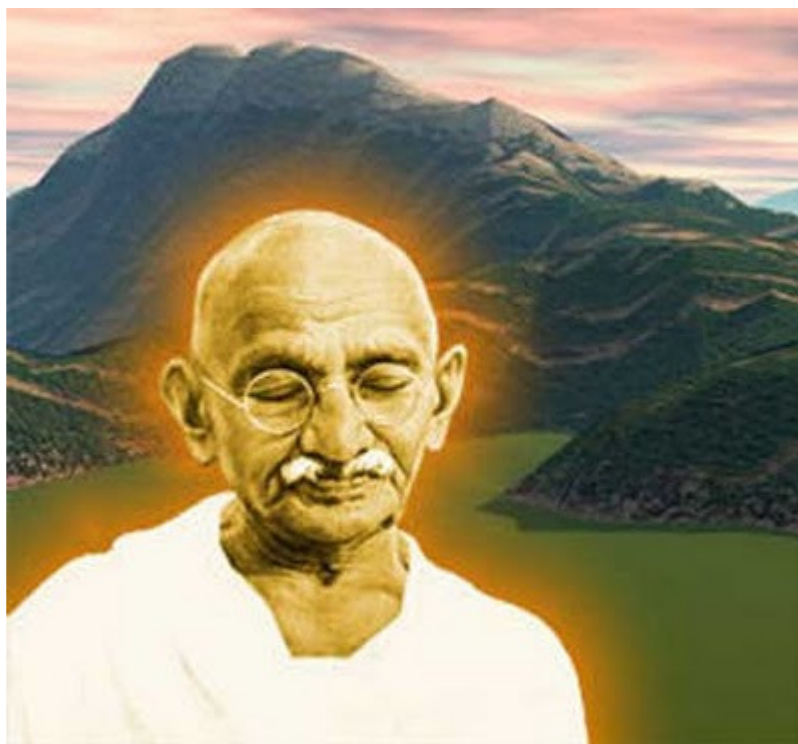


MAHATMA GANDHI OU O PODER DO ESPÍRITO

Jorge Adoum



(Conferência proferida pelo Dr. Jorge Elias Adoum, Mago Jefa, no Clube Sírio-Libanês, São Paulo-SP, em homenagem ao libertador da Índia, Mohandas Karamchand Gandhi, o Mahatma Gandhi, assassinado em 30 de janeiro de 1948. Esta conferência foi proferida no dia 20 de fevereiro de 1948.)

Tradução e revisão: Equipe GnosisOnline

Apresentação

Imprimiu-se essa conferência a pedido de numerosos assistentes, aos quais lhes pareceu formosa, útil e iluminadora em muitos aspectos. Sua tiragem foi custeada por doações espontâneas e voluntárias e distribuída gratuitamente a todos aqueles que se interessarem e a solicitarem.

Quem é o doutor Adoum e a sincera e realizada humildade do orador nos impede de nos estender sobre sua personalidade. Somente diremos que é médico, autor de cerca de 20 obras sobre diversos temas, especialmente filosofia espiritual, e que está passando por nosso país. Sua nacionalidade? Sua religião? Ele mesmo disse a nós: “Minha pátria é o mundo, minha religião o Amor”. (Grupo Labor)

A Batalha de Pichincha traçou, com letras de fogo, a independência da República do Equador no Livro do Destino. A batalha foi ganha, porém, o exército equatoriano havia sofrido muitas baixas. O marechal Sucre ordenou uma revista geral para calcular as perdas. Abdón Calderón, clamou com voz de comando o capitão de uma companhia. Reinou o silêncio, e um véu cinza cobriu os rostos dos poucos companheiros restantes do menino herói. Abdón Calderón, porta-estandarte e tenente da companhia não havia chegado aos 17 quando agarrou a espada com a direita e a bandeira com a esquerda e se lançou ao combate, desafiando a morte, gritando: Adiante! Um balaço rompe seu braço esquerdo e ele translada a bandeira para a mão direita e grita com todo o furor do seu sangue: Adiante! Outro balaço lhe quebra a perna. O herói se arrasta de joelhos e novamente sua voz ressoou: Adiante! E um terceiro tiro pôs fim à sua vida, porém, antes de exalar o último suspiro, pôde repetir: Adiante! A vitória foi decisiva, porém, o exército do Equador sofreu perda irreparável. Novamente, a voz do capitão foi ouvida: Abdón Calderón! E alguém da companhia respondeu: Meu capitão, Abdón Calderón morreu em combate. Então, o marechal de Ayacucho se adiantou e ordenou: Esta companhia será chamada Abdón Calderón e o mesmo herói caído será seu chefe, e toda vez que o capitão chame por Abdón Calderón,

toda a companhia em coro deve contestar: Abdón Calderón morreu, porém, vive em nossos corações.

Irmãos, nestes momentos podemos repetir as mesmas palavras do marechal Sucre: Gandhi morreu, porém, vivem em nossos corações.

O propósito de uma homenagem não é relatar a história de um super-homem como Gandhi, senão, viver sua vida e seu exemplo.

A vida tem seus pesos e medidas e suas dimensões, que são: longitude, amplitude ou intensidade e elevação. Porém, ante a história os homens são três: o que vive para si, o outro para si e para os demais e o terceiro não vive para si, senão para os demais. Há seres que vivem muitos anos para si mesmos, trabalham dia e noite para acumular, comer e dormir. Essa classe de pessoas que vivem sempre recebendo sem dar, e colhendo sem semear, é como o zangão na colmeia ou uma erva parasitária no tronco de uma árvore. Um homem assim é comparado ao porco – não digo ao cavalo ou ao burro porque esses animais são demasiado úteis durante a vida – porém, o porco não tem nenhuma utilidade senão depois de morto, e desta maneira, como no açougue os clientes tratam de obter o melhor pedaço, também os herdeiros se despedaçam entre eles para adquirir a maior parte da fortuna. Desse ser, a história não pode recordar o nome, porque nunca o teve.

O segundo é o humano, vive para si e algumas vezes para os demais: é aquele que acumulou, comeu e bebeu, porém, também ocupou cargos na sociedade. Trabalhou para si e para os outros. É o ser que recebeu e deu ao mesmo tempo e a história diz dele: era um homem dinâmico, político e organizador, foi presidente, foi condecorado, e até se casou com uma mulher nobre, de fortuna... Etc.

Já o terceiro, aquele que esqueceu de si mesmo para servir à humanidade, aquele ser que nunca pensou em receber nada, ao contrário se deu a si mesmo, é um salvador da humanidade porque realizou o

Plano Divino do Amor e soube que o amor sem sacrifício é egoísmo. A história prosterna-se ante esse ser e o eleva ao nível dos deuses.

O amor tem três frases: receber sem dar; dar e receber e dar sem receber. O primeiro é paixão animal, o segundo é desejo humano e o terceiro é amor divino.

Deus ama sem desejo, o homem deseja sem amor, esta é a única diferença entre os dois.

Nestes momentos estamos reunidos para viver em nossos corações a lembrança, a vida e a história de um homem que amou sem desejos, que deu sem receber, que se sacrificou sem pedir recompensa e este homem é o Mahatma Gandhi.

Porém, agora cabe perguntar: quem é Gandhi e com que autoridade fazia o que fez e o segue fazendo? Quais foram as fontes do seu poder sobre o mundo, que um poeta descobriu em um de seus versos, dizendo: “Jejuou um hindu e fez tremer o mundo, e hoje o mundo jejua e não deteve um tirano”.

Por que ao se propalar a notícia de sua morte disse Tokio: “Não houve na história moderna um acontecimento mais doloroso que o assassinato de Gandhi”?

Por que a ONU decretou baixar sua bandeira azul e branca durante três dias, glorificando a memória de Gandhi?

Por que em Bagdá fecharam toda a cidade em sinal de luto por Gandhi?

Por que na Holanda seu primeiro-ministro disse: “Gandhi é o maior holocausto sacrificado em prol de seu povo”?

Por que em Frankfurt o líder da democracia alemã disse: “Gandhi não morreu, ele vive em nós e seu ideal será maior e maior depois de sua morte”?

Por que o primeiro-ministro da Dinamarca disse: “Gandhi representa o elevado ideal dos dinamarqueses”?

Por que Paris disse, na boca de León Blum: “Entristeceu-me a morte de Gandhi, como se ele fosse um dos meus maiores compatriotas”?

Por que o papa disse em Roma: “Sinto muito profundamente pelo assassinato de Gandhi, porque foi o chefe dos hindus”?

Mas por que essa condolência mundial e essa tristeza geral? Seguramente, não é a nobreza de Gandhi, porque Gandhi não pertencia à casta dos brâmanes, que a grande massa contempla com receio, pelo contrário, Gandhi era filho de um modesto comerciante e se comprazia em se apresentar como o mais humilde dos milhões que pululam na Índia.

Tampouco foi a fortuna o fator de seu domínio, porque Gandhi era tão pobre como o Buda e como o Nazareno. Seriam sua beleza ou sua figura imponente as que lhe abriram o caminho rumo os corações? Por certo que não, e até podemos assegurar que o “modelador das cabeças humanas” tremeu sua mão na cabeça de Gandhi.

Agora, se a nobreza, a riqueza e a beleza, os três elementos do poder não foram a fonte de sua superioridade, que motivo poderia ser? Gandhi teria encontrado a lâmpada de Aladim?

Sim, senhores, Gandhi encontrou a lâmpada maravilhosa, Gandhi encontrou a iniciação, Gandhi foi Iniciado.

Porém, quem é o Iniciado e quais são as leis da Iniciação? O Iniciado é a encarnação de Deus na terra, e as leis da Iniciação são a realização do plano divino da Criação.

A primeira lei da Iniciação é Amor.

A plenitude ama o vazio, Deus ama a Natureza. No princípio o Poder se casou com a sensibilidade e (estes) geraram as formas. Com a diversidade, o Poder se converteu em muitos poderes, com a variedade a Sensibilidade se transformou em muitas sensibilidades. Todo Poder separado da Sensibilidade é nada. Cada sensibilidade separada do Poder é a morte. O Poder unido à

sensibilidade é a existência. A Sensibilidade no Coração do Poder é a Consciência. O Amor e o Poder dos poderes são um só Mistério.

O amor é a sede de dar, é a plenitude que se dilata no vazio. Viver amando é viver evoluindo. O Amor é a chave de todos os Mistérios e a chave do Poder.

Faz 25 séculos que Gautama o Buda clamou, dizendo: “Ama a todo ser vivo”. Faz 20 séculos o Nazareno gritou: “Amai-vos uns aos outros”. E Gandhi, o Iniciado, viveu os dois mandamentos: amando a todo ser vivo deixou de matar para comer, e amando a humanidade não resistiu ao mal, e dessa maneira foi o centro do Amor equilibrante entre Deus e a Natureza.

Como se pode amar sem desejo? Uma pergunta de resposta fácil e de difícil aplicação, porém a Iniciação é só para os valentes, e o valente pode tudo. Gandhi era um herói em espírito e valente de verdade, e assim transmutou todos os seus desejos em amor. Sem embargo, não se detém aqui a Iniciação. O Iniciado deve chegar a ser Adepto do Amor ao Sacrifício; e entre as duas etapas existem muitas barreiras que devem ser superadas.

A segunda lei da Iniciação é a Renúncia. Amar os demais não é uma tarefa difícil, porém amá-los como a si mesmo é uma linguagem incompreensível para o mundo atual. Não se pode amar o próximo como a si mesmo sem a completa renúncia. Gandhi, ao contemplar o panorama mundial, viu que a maioria dos homens exige seus direitos sem pensar em cumprir com seus deveres; logo, contemplou que a minoria cumpria com seus deveres e exigia seus direitos, mas não encontrou ninguém que cumprisse com seu dever sem pedir nada, como faz a Mãe Natureza. Então, com o exemplo deu uma lição ao homem: o filho da Natureza deve seguir a lei de sua mãe, renunciar ao fruto de suas obras, e desse modo amar ao próximo não só como a si mesmo se não, mais que a si mesmo.

Gandhi compreendeu que a religião do homem deve ser o Amor e toda religião que disputa não é religião de Amor, e por conseguinte, errônea. Todas as aves do bosque cantam e cada canto, ainda que distinto, é tão formoso como o do outro, e assim deve ser a

religião do coração. Cada ser, sem disputa ou rinha, deve entoar o melhor hino interno ao Amor que une.

Gandhi, com, a renúncia, amou a Lei Universal e se libertou da ilusão da recompensa e do castigo e permaneceu em pé na batalha da vida. Por seu desprendimento, compreendeu que os homens advêm encerrados na ignorância como em um ovo, praticam o bem para ser amplamente recompensados e temem o mal por seu castigo, e ao saber que o escravo da recompensa é tão escravo como o que teme o castigo do mal, matou o medo ao mal, matou o desejo ao bem e se converteu na Lei, e a Lei não necessita saber do bem e do mal, porque ambos são fabricações da mente.

Não há perfeição enquanto existir o medo ao mal e não há liberação enquanto persistir o desejo ao fruto do bem, e assim, temos visto Gandhi com a renúncia identificar-se com a Lei: nunca teve medo do castigo, pelo que os homens chamam de mal, nem esperava recompensa pelo que é considerado como bem. O próprio rei da Inglaterra não se atreveu a condecorar Gandhi e condecorou a cabra que o alimentava com seu leite.

A verdadeira Iniciação interna ensina que se adaptar à Lei é um bem, infringi-la é ferir a si mesmo. Quem vive desejando o fruto do bem vive alimentando-se do fruto do mal. Todo bem é relativo, e sendo relativo deve ter algo de mal. Porém, até quando? Até a liberação, até o triunfo.

Liberação do quê? Triunfo sobre o quê? Liberação de si mesmo e triunfo sobre si mesmo. Gandhi renunciou a este mundo e ao outro e triunfou sobre os dois. Renunciou à vida e triunfou sobre a morte. Renunciou ao tempo e triunfou sobre a eternidade. Renunciou à medida e triunfou sobre a imensidão. Renunciou à inocência e triunfou pelo saber. Renunciou ao prazer e triunfou sobre a dor. Gandhi matou o desejo de viver e triunfou na vida: matou o temor à morte e se fez imortal. Temos dito que quando um homem chega à renúncia se converte na própria

Lei Universal e repudia todas as leis fabricadas pelas mentes humanas.

Gandhi, neste estado de evolução viu a humanidade enferma atravessando uma aguda crise que a aniquila. Ele a contemplou desde o seu interior e viu sua horripilante agonia, e então quis converter-se em médico eficaz para esta humanidade dividida por suas leis, suas religiões e credos, seus nacionalismos e suas línguas, seus cultos e doutrinas que abriam a unidade da Natureza.

E desesperado por sua milenar do, compreendeu que a humanidade doente padece de muitas complicações. Seu primeiro mal é o medo e o temor. Olhou com seu olho interno o livro dos séculos e idades e viu os homens cheios de coragem e de ódio despedaçarem-se, e ao diagnosticar sua enfermidade, descobriu que era o medo de serem vencidos, escravizados ou de morrer. Eles se matavam porque buscavam a dita na satisfação de seus apetites.

E quando Gandhi contemplou os homens modernos, encontrou neles a mesma enfermidade dos séculos. Pelo temor de serem escravos e não poder satisfazer suas ambições, idealizaram leis, nações, religiões e até deuses para lançarem-se uns contra os outros. Então, Gandhi se rebelou contra todos, renunciou a tudo e clamou com a Lei Universal: “Não matarás”, dizem também as leis humanas, porém nas guerras é necessário matar. “Paz aos homens de boa vontade”, gritou Gandhi. Paz, gritam os poderosos, porém, há que se impô-la com as armas.

E assim, enquanto a Lei clama “não matarás”, as leis modernas nos desorientam, sendo difícil chegar a saber quando o matar é um crime. Um homem armado perseguia outro, que, longe de correr, voava de medo. O perseguidor reconheceu a Sócrates, que cruzava o caminho e o chamou: detenha-o. Detenha-o. E como o filósofo continuava

seu caminho, aquele se deteve, furioso, para interpelá-lo: “Você é surdo? Por que não bloqueou o caminho do assassino?”

Quem é o assassino? E o que você entende por assassino?, perguntou-lhe Sócrates.

Lá vem pergunta, disse o homem armado. Pois, um assassino é um homem que mata.

Um açougueiro, então?, perguntou novamente Sócrates.

Velho estúpido, é um homem que mata outro homem.

Ah, sim: um guerreiro.

Imbecil, um homem que mata em tempo de paz.

Ah, tá. Deve ser um carrasco.

Sua besta. É um homem que mata na própria residência.

Já compreendi. É um médico...

O ideal de Gandhi era implantar a paz por meio da paz e do amor, e não como vocífera a raça de víboras e filhos de serpentes, segundo o Evangelho, ditar a paz por meio da guerra. Gandhi sentia e sabia que o abrolho não dá figos, mas que unicamente a árvore boa dá frutos bons.

A terceira lei do Iniciado, ou da Iniciação, é o Sacrifício. Porque se ele ama e renuncia, mas não se sacrifica, não chegaria ao adeptado e não seria um salvador.

O amor e a renúncia podem conduzir à virtude egoísta, a uma santidade simples e passiva, porém unidos ao sacrifício convertem o homem em criador. O sacrifício é o Amor realizado. É o fruto elaborado pelo amor da árvore. É a fragrância emanada do amor da rosa. É a água que mana do amor da fonte. É o calor que se desprende do carinho do sol. É a vida que redime o culpado

com a própria inocência da vida. O sacrifício é o beijo do sol, do ar, das chuvas e do justo depositado na frente do criminoso que usurpou a felicidade dos demais. O sacrifício não consiste em dar o que se tem, senão, dar de si mesmo. Gandhi compreendeu que o sacrifício é a porta que dá acesso à divindade e entrou por essa porta. Renunciou a tudo como um santo e se sacrificou como um Deus.

O homem é um recipiente: enquanto está cheio de pensamentos egoístas, não cabe nele nenhum átomo de poder. Porém, ao saciar-se dos apetites pessoais se enche das águas da vida para acalmar a sede abrasadora dos mortais. O amor limitado pede a posse, o sacrifício não pede mais do que a si mesmo.

Gandhi, por seu amor a todos os seres, saboreou a amargura da renúncia, porém, pelo sacrifício pôde apreciar a doçura da vida. “Aquele que não renuncia a pais, irmãos e irmãs não é digno de ser meu discípulo”, disse a Verdade, pela boca de Jesus, e Gandhi renunciou a todos para ser digno discípulo da Verdade Eterna.

“Sai a vender todos os teus bens para distribuí-los entre os pobres, carrega tua cruz e segue-me”, e Gandhi carregou sua cruz e O seguiu depois de 2 mil anos.

“Eu Sou a Luz do mundo”, disse o Sacrifício, pela boca de Jesus. “O que me segue não anda em trevas, mas terá a luz da vida”, e Gandhi ao sacrificar-se foi luz no mundo.

O amor no homem busca a satisfação, a caridade busca a recompensa, porém o sacrifício é a própria satisfação e a própria recompensa, busca a Divindade na Dor. Gandhi aprendeu a sacrificar-se para o bem-estar dos demais.

Sacrificou o orgulho ante a ofensa, a comodidade ante a necessidade alheia, a tranquilidade ante a incomodidade do próximo, e essa atitude outorga ao homem o Poder do Verbo, e por tal motivo a palavra de Gandhi dominava os poderosos.

Não estamos reunidos aqui, nestes momentos, para relatar a história de um super-homem conhecido por todos. Nosso objetivo tende a descobrir a fonte do poder que este super-

homem Gandhi encontrou, durante sua vida, para beneficiar seus semelhantes, e a que ligou ao mundo, com seu exemplo depois de sua morte física.

Já vimos a alegórica lâmpada de Aladim, é iluminação outorgada pela Iniciação Interna ou a Unção com o Íntimo, cujas leis são Amor, Renúncia e Sacrifício.

Quando o Iniciado chega a ser um Adepto, por meio dessas três leis, converte-se em um ser universal. Nenhum Adepto, como Gandhi, pode ser partidarista de uma religião, seita, lei ou nação, porque isso implica ser contrário às outras coisas. Para ser Adepto, deve ter-se elevado a um plano tão sublime, desde o qual pode contemplar serenamente a ação dos diversos fatores, às vezes opostos, porém, ao manejá-los com amor e sacrifício realizam ao final os objetivos da Evolução. O Adepto se converte no pai de muitos filhos, que brigam entre si, e ele os dirige com tal prudência para que cumpram a lei da família.

O Adepto é o jogador e não a peça do tabuleiro. Não pode ser fanático porque é sábio, e a sabedoria se adquire por meio da dor que impõe silêncio aos apetites, e faz sofrer as privações do que é cobiçado pelos demais.

O Adepto sofre a pobreza para orientar os abastados. Sofre o jejum para manejar os glutões. Sofre o menosprezo dos ignorantes para dirigir o mundo. Sofre a tristeza para curar os abatidos. O Adepto cala para decifrar os segredos do coração humano. Há na vida uma força sábia que une os adversários e ata seus corações por um ligamento férreo... por isso vemos que o maior coração está ligado ao menor.

Um santo que esfomeia seu corpo e um pecador que esfomeia sua alma devem se unir e a causa de sua união é a mesma fome. Todo Iniciado deve se encontrar unido a um ambiente adverso e martirizado por ele. Todo profeta deve ser abatido em sua própria pátria e por seus próprios compatriotas, e Gandhi não pode ser uma exceção a essa regra.

Gandhi, ao começar em vida sua obra, devia selá-la com seu sangue. Não é necessário ser adivinho para predizer os acontecimentos. Sócrates morreu envenenado e sua morte plasmou sua fé no coração humano. Jesus morreu crucificado e sua crucificação escreveu com sangue a doutrina do amor e da paz, e hoje morre Gandhi assassinado para lavar com seu sangue do coração humano a ideia de derramar sangue. Todo salvador deve morrer envenenado, crucificado ou assassinado, ou, como diz o sábio adágio vulgar: “Quem se mete a redentor morre crucificado”. Sem dúvida, existem alguns entre os aqui presentes, e eu sou um deles, que às vezes temos desejado o poder que Gandhi tinha, e agora já conhecemos o Caminho. O sendeiro está marcado e o que quiser poderá seguir nele. A porta está aberta, o que desejar pode entrar por ela e a imortalidade o espera. Todo valente poderá abraçá-la. O sendeiro é o Amor. A porta é a Renúncia. E a imortalidade é o Sacrifício.

Adiante, irmãos, cada um de nós pode ser um Gandhi, e todos podemos ser Salvadores!



Jorge Elias Adoum ou Mago Jefa, escritor e médico naturista. Nasceu em 10 de março de 1897 na propriedade agrícola de seu pai, Francisco Adoum, em Karf-Shbeil, próximo de Biblos, Líbano, e pertenceu a uma família católica maronita. Ainda no Líbano, começou seus estudos superiores (e ali começou o processo de sua Iniciação nas Escolas Ocultas), e os terminou em Lyon-França, diplomando-se em Medicina. Sofreu no Líbano os horrores da guerra de 1914 cujos relatos, em parte, encontram-se em seu livro *Adonai*.

Viveu grande parte de sua vida no Equador, onde constituiu sua família.

Percorreu quase todos os países sul-americanos dando conferências gratuitamente, editando suas obras, fazendo o bem.

Viveu muitos anos no Brasil e faleceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, em 4 de Maio de 1958, por causa de um derrame cerebral, aos 61 anos, e cumprindo sua vontade está enterrado na cidade onde o recordam como “Jefa, O Venerável” (Nota: Pelo que consta o próprio Jorge Adoum foi avisado por Issa de que sua vida deveria terminar pelo coração, segundo se pode ler no livro *O Batismo da Dor*).

O dr. Jorge Adoum é notoriamente um Mestre de Mistérios Maiores, conhecedor da Senda da Iniciação, e quem conhece a Chave dos Grandes Mistérios (o Grande Arcano), sabe disso.